

“Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James.” – Julia Quinn

Eloisa James



ESSE DUQUE
É MEU



Prólogo



Fra uma vez, numa época não muito distante...

(ou, para sermos precisos, em março de 1812)

... **U**ma jovem destinada a se tornar princesa. Embora, para sermos absolutamente sinceros, não existisse nenhum príncipe à vista. Na verdade, ela estava comprometida com o herdeiro de um duque, mas, para quem é da pequena nobreza, uma coroa de duquesa cai tão bem quanto a de princesa.

Nossa história começa com essa jovem, avança por uma noite tempestuosa, enfrenta uma série de testes e, embora não apareça o grão de ervilha do conto de fadas, podemos adiantar que, se continuar a leitura vai encontrar uma surpresa naquela cama: uma chave, uma pulga... ou talvez um marquês, quem sabe?

No conto, a sensibilidade para perceber um incômodo tão minúsculo quanto uma ervilha debaixo do colchão é o suficiente para provar que uma desconhecida que chega no meio de uma noite chuvosa é uma princesa de verdade. No mundo real, claro, tudo se torna um pouco mais complicado. Para se preparar para o posto de duquesa, a Srta. Olivia Mayfield Lytton teve que aprender um pouco de praticamente todos os ramos do conhecimento humano. Estava pronta para ter um jantar com um rei, com um tolo ou com o próprio Sócrates, enveredando por assuntos tão díspares quanto a ópera bufa italiana e as novas máquinas de tecelagem.

Mas, assim como uma única ervilha foi decisiva para determinar a autenticidade de uma princesa, um único fato crucial determinou a elegibilidade de Olivia para o posto de duquesa: ela estava prometida ao herdeiro do ducado de Canterwick.

As informações complementares seriam: ao início desta trama, Olivia tinha 23 anos e ainda não havia se casado, seu pai não tinha título, e ela nunca recebera um elogio, como, por exemplo, ser chamada de diamante raro. Muito pelo contrário.

Mas nada disso tinha importância

Capítulo 1



Em que somos apresentados a uma futura duquesa

Rua Clarges, 41, Mayfair

Londres

Residência do Sr. Lytton, Esq.

A maioria dos noivados se origina de uma dessas duas emoções intensas: ganância ou amor. Mas o compromisso de Olivia Lytton não foi originado nem por uma troca de propriedades entre aristocratas nem por uma linda combinação de desejo, cumplicidade e flechas de Cupido.

Na verdade, a futura noiva, em momentos de desespero, seria bem capaz de comparar seu noivado a uma maldição.

– Talvez nossos pais tenham esquecido de convidar uma fada poderosa para o meu batizado – disse ela para Georgiana, sua irmã, enquanto voltavam de um baile promovido pelo conde de Micklethwait, evento em que Olivia havia passado uma grande quantidade de tempo com seu futuro marido. – A maldição, nem preciso dizer, é ter que me casar com Rupert. Preferiria dormir durante uma centena de anos.

– O sono tem lá seus atrativos – concordou a irmã, descendo da carruagem dos pais, diante da casa. Georgiana não finalizou seu comentário: a verdade era que o sono tinha atrativos... mas Rupert, não.

Olivia precisou engolir em seco e permanecer sozinha por um momento na escuridão da carruagem para se recompor e seguir a irmã. Sempre

soubera que um dia se tornaria a duquesa de Canterwick e, justamente por saber disso há tanto tempo, não fazia qualquer sentido ficar tão infeliz. Mas ela estava. Uma noite passada com o futuro marido a fazia se sentir semidestruída.

Não ajudava saber que a maior parte de Londres, inclusive sua mãe, considerasse que ela era uma das jovens mais afortunadas do mundo. A mãe ficaria horrorizada, embora nada surpresa, com a piadinha boba que vinculava o ducado a uma maldição. Para seus pais, estava claríssimo que a ascensão da filha na hierarquia social era um inacreditável golpe de sorte. Em resumo, era uma bênção.

– Graças a Deus – dissera o Sr. Lytton umas cinco mil vezes desde o nascimento de Olivia. – Se eu não tivesse estudado em Eton...

Era uma história que Olivia e Georgiana, sua irmã gêmea, adoravam ouvir quando eram crianças. Sentavam no colo do pai e acompanhavam a empolgante narrativa de como ele, o simples, o desconhecido (apesar de aparentado com um conde por um lado da família e com um bispo e uma marquesa pelo outro) Sr. Lytton tinha ido estudar em Eton e acabara se transformando no melhor amigo do duque de Canterwick, herdeiro do grandioso título desde os cinco anos de idade. Em algum momento, os dois meninos fizeram um pacto de sangue estabelecendo que a filha mais velha do Sr. Lytton se tornaria duquesa ao se casar com o filho mais velho do duque de Canterwick.

O Sr. Lytton demonstrou um entusiasmo alucinado para cumprir a parte que lhe cabia e garantir aquele acontecimento, produzindo não apenas uma, mas duas filhas ainda no primeiro ano de casamento. O duque de Canterwick, por sua vez, teve apenas um filho, depois de alguns anos de casamento, o que era suficiente para cumprir sua parte da promessa. E o mais importante: Sua Graça sempre manteve a palavra e garantia regularmente ao Sr. Lytton que o noivado seria mantido.

Por consequência, os orgulhosos pais fizeram tudo que estava ao seu alcance para preparar a primogênita (pela diferença de uns bons sete minutos) para o título que lhe seria conferido, sem poupar despesas para a formação da futura duquesa de Canterwick. Olivia teve tutores desde o momento que deixou o berço. Aos dez anos de idade, já dominava os aspectos mais refinados da etiqueta, da administração de propriedades rurais (inclusive contabilidade de partidas dobradas), tocava cravo e espineta,

cumprimentava pessoas em variados idiomas, inclusive o latim (que só servia para se dirigir aos bispos visitantes), e entendia até de cozinha francesa, embora seus conhecimentos fossem mais teóricos do que práticos. Na verdade, duquesas nunca chegavam a tocar na comida, a não ser quando comiam.

Olivia tinha também um profundo conhecimento sobre o livro favorito de sua mãe, *O espelho dos elogios: uma academia completa para dominar a arte de ser uma dama*, escrito por ninguém menos do que Sua Graça, a duquesa viúva de Sconce, e dado de presente às meninas assim que completaram doze anos de idade.

Na realidade, a mãe de Olivia lera *O espelho dos elogios* tantas vezes que seus ensinamentos dominaram suas conversas, mais ou menos como a hera que sufoca uma árvore.

– *A nobreza* – dissera ela na manhã anterior ao baile de Micklethwait, enquanto consumia torrada com geleia – *nos foi conferida pelos ancestrais, mas logo empalidece, caso não seja revigorada pela virtude.*

Olivia assentira. Na verdade, ela acreditava firmemente nos benefícios do empalhecimento da nobreza, mas a experiência lhe ensinara que expressar esse tipo de opinião apenas provocaria dores de cabeça em sua mãe.

– *Uma jovem* – disse a Sra. Lytton a caminho do baile de Micklethwait – *sente o mais profundo desagrado ao parlamentar com um admirador imodesto.* Olivia sabia que era melhor não perguntar o que seria “parlamentar” com um admirador imodesto. Toda a aristocracia sabia que ela estava comprometida com o herdeiro do duque de Canterwick e os admiradores, imodestos ou não, raramente se davam ao trabalho de se aproximar dela.

De toda forma, ela guardava esse tipo de conselho para o futuro, quando planejava se permitir uma série de parlamentações imodestas.

– Viu o lorde Webbe dançando com a Sra. Shottery? – perguntou Olivia à irmã, enquanto entravam em seu quarto. – Foi muito tocante observá-los olhando-se nos olhos. A aristocracia parece levar seus votos matrimoniais tão a sério quanto os franceses, ainda que digam que, ao incluírem a fidelidade conjugal, tenham os transformado numa esplêndida obra de ficção.

– Olivia! – gemeu Georgiana. – Não deve! E não faria isso... não é?

– Está me perguntando se serei infiel a meu noivo assim que ele se tornar meu marido... se tal dia chegar?

Georgiana assentiu.

– Suponho que não – disse Olivia, embora secretamente ela às vezes se perguntasse como seria se um dia perdesse a cabeça e rompesse com todas as regras sociais fugindo para Roma com um laçao. – A única parte da noite que realmente apreciei foi quando lorde Pomtinius recitou os versos sobre o abade adúltero.

– Não ouse repetir! – exclamou a irmã. Georgiana nunca demonstrara o menor desejo de se rebelar contra as regras das boas maneiras. Ela as amava e vivia de acordo com seus preceitos.

– Era uma vez um abade adúltero – provocou Olivia – tão rebelde...

Georgiana tapou os ouvidos com as mãos.

– Não posso acreditar que ele tenha dito tais coisas para você! Papai ficaria furioso se soubesse.

– Lorde Pomtinius tinha bebido demais – disse Olivia –, além do mais, já está com 96 anos e não se importa mais com o decoro. Quer apenas dar umas boas risadas de vez em quando.

– Isso nem ao menos faz sentido. Um abade adúltero? Como um abade pode ser adúltero? Eles nem se casam.

– Avise-me se quiser ouvir todos os versos – disse Olivia. – Termina com uma conversa sobre freiras. Por isso acho que aquela palavra não estava sendo usada de maneira literal.

Aqueles versos, e o fato da Srta. Lytton os apreciar, evidenciavam o problema de sua *duquesificação*, como as meninas chamavam o processo de formação de duquesas. Havia algo muito *déclassé* nela, por mais que seu porte, seus modos e sua voz fossem apropriados. Com certeza, conseguiria interpretar o papel de duquesa, mas a verdadeira Olivia estava sempre ali aguardando para vir à tona, o que era uma infelicidade.

– Falta a você aquele indefinível ar de importância que sua irmã transmite sem nenhum esforço – opinava o pai, com um ar de resignação desanimada. – Em resumo, filha, seu senso de humor tende ao vulgar.

– *Sua conduta deve sempre ampliar sua honra* – intrometia-se a mãe, citando a duquesa de Sconce.

E Olivia dava de ombros.

– Se ao menos Georgiana tivesse sido a primeira a nascer... – dissera diversas vezes a Sra. Lytton ao marido. Pois Olivia não tinha sido a única participante do programa de treinamento dos Lytton. Olivia e Georgiana tinham estudado lado a lado as lições de comportamento para duquesas,

pois os pais, cientes dos infortúnios que poderiam ameaçar a primogênita... uma febre, uma carruagem desgovernada, a queda de uma torre... tinham, prudentemente, cuidado da *duquesificação* da segunda menina também.

Infelizmente, estava claro para todos que Georgiana alcançara o refinamento digno de uma duquesa, enquanto Olivia... Olivia era Olivia. Com certeza sabia como se comportar com graça e refinamento, mas na intimidade era sarcástica, espirituosa demais para uma dama e nada graciosa.

– Ela me olha de tal jeito quando faço uma simples menção ao *O espelho dos elogios* – queixava-se a Sra. Lytton. – Estou apenas tentando ajudar.

– Aquela menina vai se transformar em uma duquesa um dia – dizia o Sr. Lytton, preocupado – Então, ela nos será grata.

– Mas se fosse possível... – dizia a Sra. Lytton, com tristeza. – A querida Georgiana é simplesmente... Bem, ela seria uma duquesa perfeita, não é mesmo?

Na verdade, a irmã de Olivia tinha dominado desde cedo a delicada arte de unir um agradável ar de importância com um comportamento irrepreensivelmente recatado. Com o passar dos anos, Georgiana havia acumulado um conjunto formidável de características ducais: modos de caminhar, de conversar, de se portar.

– *Dignidade, virtude, afabilidade e postura* – recitava sem parar a Sra. Lytton, transformando aquilo numa espécie de cantiga de ninar.

Georgiana treinava no espelho seu porte honroso e sua expressão afável. Olivia cantarolava de volta para a mãe:

– Fraqueza, vaidade, absurdo e... *insensatez!*

Aos dezoito anos, Georgiana já se portava, falava e até cheirava (graças ao perfume francês contrabandeado de Paris a um custo altíssimo) como uma duquesa. Olivia quase nunca se dava ao trabalho.

Os Lytton eram, de maneira comedida, felizes. Qualquer pessoa sensata concordaria que eles foram bem-sucedidos na tarefa de criar uma verdadeira duquesa, o problema é que essa não era a filha prometida ao herdeiro de um duque. Enquanto as meninas cresciam, o casal dizia a si mesmo que Georgiana seria uma bela esposa para qualquer homem de posição. Infelizmente, com o passar do tempo, eles pararam de imaginar um marido para a segunda filha.

A triste verdade era que uma garota *duquesificada* não era o que a maioria dos rapazes procurava. Embora as virtudes de Georgiana fossem ce-

lebradas por toda a sociedade, especialmente pelas viúvas, os rapazes raramente a escolhiam para dançar, para casar então não havia qualquer chance.

O Sr. e a Sra. Lytton interpretavam o problema de forma diferente. Para eles, era claro de que se tratava de um problema exclusivamente financeiro: a querida filha jamais casaria porque não tinha dote.

Afinal, os Lytton haviam dispendido toda a renda familiar na educação das filhas. Com isso, sobrara muito pouco para que a caçula pudesse entrar no mercado matrimonial.

– Sacrificamos tudo por Olivia – costumava dizer a Sra. Lytton. – Não consigo compreender por que ela não demonstra mais gratidão. É a garota mais afortunada da Inglaterra.

Olivia não se considerava nem um pouco afortunada.

– O único motivo que me faz ter forças para encarar o casamento com Rupert – disse ela a Georgiana – é saber que, como duquesa, serei capaz de lhe fornecer um dote. – Ela despiu as luvas mordendo as pontas. – Com toda a franqueza, basta pensar neste casamento que eu fico ligeiramente furiosa. Eu poderia suportar ser duquesa, embora, para dizer o mínimo, eu não tenha aptidão alguma para o cargo, se ele não fosse um sujeitinho de barbicha esquisita e prá lá de bocó.

– Está usando gírias – disse Georgiana. – E...

– Absolutamente, não – disse Olivia, jogando as luvas na cama. – Estou inventando tudo isso e você sabe tão bem quanto eu como o *Espelho para abutres* define gíria... e vou citar... *forma rude de discurso empregada pelos piores degenerados de nossa nação*. Embora eu até fosse gostar de obter a qualificação de degenerada, não tenho esperança de conquistar esse título nesta vida.

– Não deveria – disse Georgiana, acomodando-se no canapé diante da lareira de Olivia.

O quarto de Olivia era o aposento mais imponente da casa, maior até do que os quartos da mãe e do pai. Por isso, em geral, as gêmeas se escondiam dos pais ali.

Mas a a reação de Georgiana tinha sido incomumente leve. Olivia franziu a testa.

– A noite foi particularmente desgraçada, Georgie? Fui arrastada na maior parte do tempo pelo idiota do meu noivo e depois do jantar eu a perdi de vista.

– Teria sido fácil me encontrar – respondeu Georgiana. – Fiquei sentada com as viúvas praticamente o tempo todo.

– Puxa, minha querida – disse Olivia, sentando-se ao lado da irmã e lhe dando um abraço forte. – Espere que eu me torne uma duquesa. Você vai receber um dote tão magnífico que todos os cavalheiros do país se ajoelharão só de pensar em você. “Georgiana Dourada”, é assim que vão chamá-la.

Georgiana nem esboçou um sorriso, por isso Olivia foi continuou.

– Gosto da companhia das viúvas. Elas contam histórias realmente interessantes, como aquela em que o lorde Mettersnatch pagava sete guinéus para ser chicoteado.

As sobranceiras da irmã se juntaram.

– Eu sei, eu sei! – exclamou Olivia antes que Georgiana pudesse dizer qualquer coisa. – Vulgar, vulgar, vulgar. De qualquer maneira, adorei a parte que falava sobre os trajes de ama-seca. Na verdade, você deveria ficar feliz por não estar na minha pele. Canterwick percorreu todo o salão de baile, para cima e para baixo, a noite inteira, arrastando Rupert e eu atrás dele. Quando eu passava, todos faziam os maiores elogios, depois soltavam risinhos e saíam para informar o resto do salão sobre o incrível azar de NN de ter que se casar comigo.

Quando estavam a sós, Olivia e Georgiana frequentemente se referiam a Rupert Forrest G. Blakemore, marquês de Montsurrey e futuro duque de Canterwick, como “o NN”, que queria dizer noivo nulo. Vez por outra também se referiam a ele como “o EE” (esposo estúpido), “o PP” (pretendente palerma) e, como as duas eram fluentes em italiano e francês, “o MM” (*marito* ou *mari* mentecapto, dependendo do idioma empregado no momento).

– A única coisa que faltava para tornar a noite absoluta e irremediavelmente infernal – prosseguiu Olivia – seria um problema com o guarda-roupa. Se alguém tivesse pisado na batinha e rasgado meu vestido e tivesse desnudando meu traseiro para o mundo, aí, sim, eu poderia ter me sentido ainda mais humilhada. Mas, com certeza, teria me sentido menos entediada.

Georgiana não respondeu. Apenas jogou a cabeça para trás e fitou o teto. Parecia terrivelmente infeliz.

– Devemos buscar ver o lado positivo – disse Olivia, lutando para manter um tom de voz animado. – O NN dançou conosco. Graças a Deus! Enfim, ele tem idade para comparecer a um baile.

– Ele contava os passos em voz alta – declarou Georgiana. – E disse que o vestido me fazia parecer uma nuvem bufante.

– Com certeza, você não deveria se surpreender por descobrir que Rupert é incapaz de manter uma conversa elegante. Se alguém se parecia com uma nuvem bufante, esse alguém era eu. Você parecia um anjo. Muito mais digno do que uma nuvem.

– Não é a dignidade o que as pessoas desejam – respondeu a irmã, virando a cabeça. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Ah, Georgie! – Olivia acolheu-a em outro abraço. – Por favor, não chore. Logo, logo serei uma duquesa e vou providenciar um dote e encomendar roupas tão lindas que você vai se tornar a queridinha da alta sociedade londrina.

– Esta é minha *quinta* temporada, Olivia. Você não tem ideia de como é terrível, pois nunca estive no mercado. Nenhum cavalheiro me deu qualquer atenção esta noite, exatamente como tem ocorrido nos últimos cinco anos.

– Foi o vestido e o dote. Nós duas estávamos parecendo fantasmas sem transparências. Você, obviamente, era um fantasma esguio e eu era um fantasma particularmente robusto.

Olivia e Georgiana tinham usado vestidos semelhantes de delicada seda branca, presos sob o busto por longas fitas enfeitadas por pequenas pérolas e borlas nas extremidades. Os mesmos enfeites apareciam nas laterais e na parte de trás dos vestidos, ondulando com a menor das brisas. No desenho do livro de modelos de madame Wellbrook, o figurino parecera requintado.

Havia uma lição ali... uma triste lição.

Não era porque fitas flutuantes pareciam cair bem numa dama magérrima retratada num desenho que elas ficariam igualmente elegantes na cintura de alguém.

– Cheguei a vê-la dançado – continuou Olivia. – Parecia um mastro cheio de fitas tremulando. Seus cachinhos também balançavam.

– Não importa – disse Georgiana, com indiferença. Enxugou uma lágrima. – É a *duquesificação*, Olivia. Nenhum homem quer casar com uma pudica que age como se fosse uma viúva de 95 anos. E – ela soltou um soluço – parece que não consigo me comportar de forma diferente. Não acredito que ninguém zombe nas suas costas, só se for por inveja. Mas

eu sou tão fascinante quanto um mingau de aveia. Os olhares dos homens perdem o brilho quando são obrigados a dançar comigo.

Na intimidade, Olivia concordava que o programa de *duquesificação* era responsável por muita coisa. Mas preferiu ficar calada e apenas abraçar a irmã com mais força:

– Georgiana, você tem um corpo maravilhoso, é doce como o mel e o fato de saber arrumar uma mesa para uma centena de convidados não tem nenhuma relação com isso. O casamento é um contrato e os contratos tratam de dinheiro. Uma mulher precisa de um dote, sem isso os homens sequer consideram casar.

Georgiana fungou, o que serviu para demonstrar como estava transtornada. Normalmente, seria incapaz de cometer um gesto tão pouco refinado.

– Sua cintura me deixa doente de inveja – acrescentou Olivia. – Pareço um barril, e você é tão esguia que eu poderia equilibrá-la na ponta de um alfinete.

A maioria das jovens no mercado matrimonial, inclusive Georgiana, era de fato magra e etérea. Elas fluíam de sala em sala, com seda diáfana envolvendo seus corpos finos.

Olivia não era uma dessas moças. Era a triste verdade, outra fonte de tensão para a Sra. Lytton. Para ela, os excessos de Olivia com brincadeiras vulgares e torradas amanteigadas eram resultado de um mesmo problema de caráter. Olivia não discordava.

– Você não parece um barril – declarou a irmã, que enxugou mais algumas lágrimas.

– Ouvi algo interessante esta noite – exclamou Olivia. – Aparentemente, o duque de Sconce está em busca de uma esposa. Suponho que ele esteja necessitando de um herdeiro. Imagine só, Georgie, você poderia ser a nora da mais arrogante, mais rígida de todas as damas. Acha que a duquesa lê *O Espelho de Vermes* em voz alta na mesa do jantar? Ela ia adorá-la. De fato, você deve ser provavelmente a única mulher no reino a quem ela seria capaz de amar.

– As viúvas da alta sociedade sempre me adoram – disse Georgiana, fungando mais uma vez. – Não significa que o duque vá sentir o mesmo. Mas eu achava que Sconce já fosse casado.

– Se a duquesa aprovasse a bigamia, ela teria incluído uma referência no *Espelho*. Portanto, a ausência dessa observação sugere que ele necessita

de uma esposa. A outra notícia, muito menos empolgante, é que mamãe soube de uma dieta à base de alface e decidiu que devo experimentá-la imediatamente.

– Alface?

– Come-se apenas alface das oito da manhã às oito da noite.

– É absurdo. Se quiser perder peso, deve parar de comprar empadões de carne quando mamãe pensa que está comprando fitas. Embora, para ser honesta, Olivia, eu pense que você deve comer o que quiser. Desejo desesperadamente me casar e, mesmo assim, a ideia de casar-me com Rupert me faz ter ganas de comer um empadão também.

– Quatro – corrigiu Olivia. – No mínimo.

– Além do mais, não importa o quanto você pode emagrecer comendo alface – continuou Georgiana. – O NN não tem nenhuma opção se não casar com você. Se você desenvolvesse orelhas de coelho, ele ainda se casaria com você. Ao mesmo tempo, ninguém consegue contemplar a ideia de se casar comigo, por mais fina que seja minha cintura. Preciso de dinheiro para... para suborná-los. – A voz de Georgiana voltou a vacilar.

– São todos uns bufões descerebrados – disse Olivia, com mais um abraço. – Não perceberam você, mas perceberão, assim que Rupert lhe garantir o dote.

– Embora eu possa estar com uns 48 anos quando vocês dois entrarem na igreja.

– Por falar nisso, Rupert vem para cá amanhã à noite, com o pai, para assinar os papéis de noivado. E, em seguida, ao que parece, ele parte diretamente para as guerras na França.

– Pelo amor de Deus – disse Georgiana, arregalando os olhos. – Você vai realmente se tornar uma duquesa. O NN vai se tornar MM!

– Noivos nulos costumam ser mortos no campo de batalha – destacou Olivia. – Acho que o termo é “bucha de canhão”.

A irmã soltou uma risada repentina.

– Você poderia ao menos parecer triste com essa possibilidade.

– Eu ficaria triste – protestou Olivia. – Acho eu.

– Teria motivos. Além de perder a chance de se tornar “Vossa Graça” pelo resto da vida, nossos pais pulariam de mãos dadas da ponte de Battersea, prontos para encontrar a morte.

– Não consigo sequer imaginar o que mamãe e papai fariam se o ganso que prometia botar ovos de ouro fosse transformado em patê de *foie gras* pelos franceses – disse Olivia, com um pouco de tristeza.

– O que acontece se o NN morrer antes de se casar com você? – perguntou Georgiana. – Apesar de todos os trâmites legais, um noivado não é um casamento.

– Pelo que entendo, esses documentos tornam toda a situação bem mais concreta. Tenho certeza de que a maior parte da aristocracia acredita que ele vai se acabar de tanto chorar ainda antes de chegar ao altar, devido à minha falta de beleza, sem mencionar o fato de que não como alface o suficiente.

– Não seja ridícula. Você é linda – disse Georgiana. – Tem os olhos mais lindos que já vi. Não consigo entender por que fiquei com esses olhos castanhos e sem graça e você ficou com os olhos verdes – Ela a olhou. – Verde claro. A cor do aipo, na verdade.

– Se minha cintura fosse mais como o aipo, teríamos o que celebrar.

– Você é maravilhosa – insistiu a irmã. – Como um pêssego doce e suculento.

– Não me importo de ser um pêssego – disse Olivia. – Mas é uma pena que o aipo esteja na moda.

Capítulo 2



Em que somos apresentados a um duque

*Littlebourne Manor
Residência do duque de Sconce
Kent*

No momento exato em que Olivia e Georgiana estavam envolvidas em um debate sobre os méritos relativos dos pêssegos e do aipo, o herói deste conto de fadas, com toda a certeza, não se comportava como os príncipes dessas histórias. Não estava de joelhos, nem montado num cavalo branco, nem se encontrava próximo de um pé de feijão. Em vez disso, estava sentado na sua biblioteca, trabalhando num espinhoso problema matemático: o teorema dos quatro quadrados de Lagrange. Para esclarecer o que digo, se este duque em particular um dia encontrasse um pé de feijão de tamanho anormal, isso sem dúvida provocaria um grande avanço nos primeiros conhecimentos botânicos relacionados a crescimentos incomuns das plantas, mas certamente não o levaria a subir pelo caule.

Com essas informações acima, buscamos apresentar o duque de Sconce como um tipo de homem que tinha repugnância por contos de fadas. Nem lia nem pensava a respeito (muito menos acreditava neles). A possibilidade de desempenhar um papel num desses contos lhe pareceria ridícula e ele teria rejeitado imediatamente a ideia de se parecer minimamente com os

príncipes de cabelos dourados e trajes de veludo que costumam aparecer em tais histórias.

Tanquin Brook-Chatfield, duque de Sconce, conhecido como Quin pelos íntimos, que eram exatamente dois indivíduos, parecia-se bem mais com um vilão do que com um herói de contos de fadas, e sabia disso perfeitamente bem.

Não teria condições de dizer em que idade havia descoberto que não se parecia com um príncipe encantado. Talvez tivesse cinco, ou sete, até mesmo dez anos de idade, mas em algum momento ele percebera que o cabelo preto como carvão com um tufo branco sobre a testa não era uma característica nem comum nem estimada. Talvez tivesse acontecido na primeira vez que seu primo Peregrine o chamou de velho decrépito (ofensa que levava a uma briga lastimável).

No entanto, não era apenas o cabelo que o diferenciava dos outros rapazes. Mesmo quando tinha dez anos de idade, tinha olhos austeros, maçãs do rosto ferozmente esculpidas e um nariz que quase gritava “aristocrata”. E, aos 32 anos, ele apresentava a mesma quantidade de rugas de riso em torno de seus olhos que tinha vinte anos antes, e com bons motivos.

Ele quase nunca ria.

Mas Quin tinha um grande ponto em comum com o herói de *A princesa e a ervilha*, mesmo se não quisesse admitir: sua mãe estava encarregada de escolher sua futura esposa, e ele não dava a mínima para os critérios que ela aplicaria à tarefa. Se ela achasse que colocar uma ervilha sob um colchão... ou sob cinco colchões... era a melhor forma de avaliar a adequação da futura duquesa, Quin teria concordado, desde que não tivesse que se dar ao trabalho de fazer as perguntas pessoalmente.

Então, de certa forma, ele era tão realeza, tão real, quanto o príncipe sem nome do conto de fadas, tão *duquificado* quanto Georgiana era *duquesificada*. Poucas vezes adentrou um recinto sem que parecesse ser o dono do lugar. Afinal, como era mesmo o dono de muitos lugares, ele teria argumentado que seria uma suposição bastante plausível. Olhava para baixo porque era mais alto do que a maioria. Tinha um nariz que servia para ser empinado e a arrogância era um direito de nascença. Não conseguia conceber que houvesse outra forma de se comportar.

Para ser justo, Quin reconhecia que tinha alguns defeitos. Por exemplo, raramente sabia o que as pessoas ao seu redor sentiam. Tinha uma inte-

ligência formidável e raramente se surpreendia com o padrão dos pensamentos de alguém. Mas quanto às emoções? Ele desaprovava o modo como as pessoas costumavam ocultar os sentimentos para de repente liberá-los numa estrondosa explosão repleta de explicações chorosas.

A antipatia que nutria pelos sentimentos o levou a se cercar de gente como ele e sua mãe, pessoas que reagem friamente a um problema esquematizando um plano, que em geral envolve experimentação para provar uma hipótese. E mais: eram pessoas que não choravam se essas hipóteses não se confirmassem.

Ele chegava a acreditar que as pessoas não deveriam ter tantas emoções, considerando que os sentimentos raramente seguiam a lógica e, por isso, não tinham qualquer utilidade. Constrangera-se uma vez ao sucumbir a uma avalanche de emoções – e aquilo não havia terminado nada bem.

Na verdade, tinha terminado de uma forma infeliz.

A simples lembrança daquele momento de sua vida enviava uma terrível onda de dor àquela região em que Quin costumava supor que alojava seu coração, mas ele a ignorou, como era seu hábito. Se prestasse atenção ao número de vezes por mês, por semana, por dia, que sentia aquela pequena pontada... Não! Não havia motivo para pensar naquilo.

Se havia algo que aprendera com a mãe era a se esquecer das emoções dolorosas. E, se não era possível esquecer (ele não conseguia), esse fracasso pessoal devia ser ocultado.

Como se tivesse o poder de trazer a mãe para perto só com a força de seu pensamento, a porta da biblioteca abriu e seu mordomo, Cleese, a anunciou:

– Sua Graça.

– Meus planos estão em ordem, Tarquin – declarou a mãe, entrando apressadamente. Era seguida de perto por sua assistente pessoal, Steig, e sua aia particular, Smither. Sua Graça, a duquesa viúva, preferia manter um pequeno rebanho de seguidores por onde passava, como se fosse um bispo acompanhado por acólitos ansiosos. Era uma mulher de estatura mediana, mas projetava uma presença tão formidável que conseguia dar a impressão de ser alta, embora fosse um tanto ajudada por uma enorme peruca. De fato, sua peruca tinha uma grande semelhança com a mitra de um bispo. As duas anunciavam a confiança que seu usuário ou usuária tinha em seu devido lugar no universo: o topo.

Quin já havia se levantado. Saiu de trás da escrivaninha para beijar a mão que a mãe estendia.

– Mesmo? – perguntou de modo educado, enquanto tentava se lembrar de que assunto ela falava.

Por sorte, a duquesa não considerava que respostas fossem elementos obrigatórios em uma conversa. Se pudesse escolher, ela ia preferir fazer monólogos, mas já havia proferido discursos que até poderiam ser classificados como interativos com a plateia.

– Selecionei duas jovens – pronunciou a dama. – Ambas de excelentes famílias, naturalmente. Uma é da aristocracia, a outra é da pequena nobreza, mas é recomendada pelo duque de Canterwick. Acho que nós dois concordamos que considerar apenas membros da aristocracia seria uma demonstração de ansiedade em relação ao assunto e os Sconce não precisam de tal emoção.

Ela fez uma pausa e Tarquin assentiu com obediência. Aprendera desde criança que a ansiedade, assim como o amor, era uma emoção que a aristocracia desprezava.

– As duas mães conhecem o meu livro – continuou a mãe – e tenho uma razoável confiança de que as filhas superarão a série de provas a que devo submetê-las, inspiradas, é claro, em *O espelho dos elogios*. Dediquei muito tempo para pensar em suas visitas, Tarquin, e será um sucesso.

Naquele momento, Quin sabia exatamente qual era o assunto a que sua mãe se referia: sua próxima esposa. E aprovou tanto o planejamento quanto a expectativa de sucesso de Sua Graça. A mãe organizava todos os aspectos de sua vida, e com frequência da vida dele também. Na única vez em que ele se deixara levar pela espontaneidade, uma palavra e um impulso que ele encarava com a mais profunda desconfiança, o resultado havia sido desastroso.

Daí decorria a necessidade de uma próxima esposa. Uma segunda esposa.

– Estará casado no outono – declarou a mãe.

– Tenho a máxima confiança de que essa iniciativa, como todas as outras às quais se dedica, será um sucesso – respondeu ele, dizendo nada mais do que a verdade.

A mãe nem piscou. Nenhum dos dois tinha tempo para lisonjas ou elogios frívolos. Como a duquesa escrevera em seu livro, *O espelho dos elogios*, que havia se convertido em um *best-seller* de forma surpreen-

dente: *A verdadeira dama prefere a reprovação delicada a um elogio extravagante.*

Nem precisaria ser dito que Sua Graça teria ficado extremamente surpresa se recebesse uma reprovação delicada ou não.

– Assim que encontrar uma esposa digna de sua posição, ficarei feliz – disse ela, e então acrescentou – No que está trabalhando?

Quin voltou o olhar para a escrivainha.

– Estou escrevendo um trabalho sobre a solução de Lagrange para as conjecturas de Bachet a respeito da soma de quatro quadrados.

– Não me disse que Legendre já havia aperfeiçoado o teorema de Lagrange?

– Sua prova era incompleta.

– Ah! – Houve uma pausa momentânea, então a viúva falou: – Devo enviar imediatamente um convite para que as jovens escolhidas venham nos fazer uma visita. Depois de devidas observações, farei minha escolha. Uma escolha racional. Nada de sucumbir de novo a uma fantasia ligeira, Tarquin. Acredito que concordamos que seu primeiro casamento tornou evidente como tal comportamento é desaconselhável.

Quin inclinou a cabeça, mas não concordava inteiramente. Tinha sido desaconselhável, com certeza. Terrível, sob alguns aspectos (o fato de Evangeline ter arranjado um amante em poucos meses falava por si). Entretanto...

– Não foi assim sob todos os aspectos – disse ele, em seguida, incapaz de se conter.

– Está se contradizendo – observou a mãe.

– Meu casamento não foi um erro sob todos os aspectos. – Ele e a mãe viviam juntos com bastante conforto, mas Quin estava bem ciente de que a serenidade do lar dependia do fato de ele em geral escolher o caminho de menor resistência. Quando necessário, porém, ele podia ser tão firme quanto a viúva.

– Pois bem – respondeu a mãe, olhando-o. – Cada um de nós faz seu juízo.

– Sou eu quem faz o juízo do meu casamento – declarou Quin.

– A questão é irrelevante – respondeu ela, sacudindo o leque como se quisesse afastar um inseto. – Farei o melhor para encaminhá-lo de modo a não chafurdar no mesmo lodaçal. Sinto-me bastante exausta pela mera lembrança das tempestades, da petulância, do choro constante. Seria possível pensar que a jovem tinha sido criada no palco.

– Evangeline...

– Um nome extremamente inapropriado para uma dama – interrompeu a mãe.

De acordo com *O espelho dos elogios*, a interrupção era um pecado mortal. Quin esperou um momento, apenas o suficiente para que o silêncio se estendesse até certo ponto naquele aposento. Em seguida ele falou:

– Evangeline era profundamente emotiva. Sofria com excessos de sentimento e com problemas recorrentes nos nervos.

A mãe lançou um olhar penetrante.

– Acredito que não esteja prestes a me instruir a não falar mal dos mortos, Tarquin.

– Não é um preceito ruim – disse ele, correndo o risco.

– Hunf.

No entanto, ele havia deixado claro o que pensava. Não fazia grandes objeções quanto a permitir que a mãe organizasse a questão da segunda esposa. Percebia claramente que necessitava de um herdeiro. Mas seu primeiro casamento...

Escolheu não dar ouvidos às opiniões dos outros em relação a isso.

– Voltando ao assunto do momento, embora eu tenha certeza de que os parâmetros formulados pela senhora sejam excelentes, tenho uma exigência a fazer em relação às jovens que selecionou.

– Sim. Steig, preste atenção.

Quin contemplou a assistente da mãe, que já estava com a pena a postos.

– Já devem ter superado a fase dos risinhos.

A mãe assentiu.

– Levarei esse ponto em consideração. – Ela voltou a cabeça. – Steig, faça uma anotação. Mediante pedido expresso de Sua Graça, devo criar mais um teste para determinar se existe uma tendência ao excesso de risos e outros sinais nativos de entusiasmo ingênuo.

– En-tu-si-as-mo in-gê-nuo – balbuciou Steig, escrevendo freneticamente.

Quin teve uma súbita visão de uma duquesa altiva com uma enorme gola de babados, como os rostos de seus ancestrais elisabetanos, lá na galeria de retratos.

– Não me incomodo com entusiasmo – esclareceu. – Apenas sem risinhos.

– Cuidarei de dispensar qualquer candidata que pareça se permitir elaboradas expressões de prazer – disse a mãe.

Quin conseguia se imaginar preso pelo matrimônio a mais uma mulher que não sentia prazer em estar na sua companhia. Mas não era o que sua mãe pretendia. Ele sabia.

De toda forma, a duquesa já havia partido.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELOISA JAMES

Quando a Bela domou a Fera

Um beijo à meia-noite

A duquesa Feia

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

